

ME DEIXE SER CIDADE:

REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, RAÇA, CLASSE E URBANO

Jocimara Santana[1]

Palavras-chave: Violências; Segregação Socioespacial; Interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

As cidades brasileiras expressam, em sua organização espacial, profundas desigualdades sociais marcadas por processos históricos de exclusão. A produção capitalista do espaço, atuante nas veias territoriais, intensifica a segregação socioespacial, afetando sobretudo mulheres negras e pobres de bairros periféricos. Diante desse cenário, a presente pesquisa emerge da necessidade de discutir e refletir sobre os dispositivos teóricos utilizados na geografia e os resultados que produzem acerca dessa temática.

Ao longo dos últimos anos, tem sido notório o crescimento do uso de diversos marcadores sociais nas pesquisas acadêmicas, como raça, classe, gênero, geração, deficiência e territorialidade. Essa ampliação tem sido de grande importância para a compreensão das múltiplas formas de desigualdade que atravessam a sociedade brasileira. Entretanto, faz-se necessário fortalecer a articulação entre esses marcadores, especialmente com o recorte de gênero, a fim de fornecer uma análise mais profunda das dinâmicas sociais brasileiras.

Sabemos que a geografia é uma ciência multifacetada, responsável por fornecer dados e análises fundamentais para o entendimento das relações entre natureza e sociedade. Com essa certeza, propomos discutir a construção de problemas de pesquisa, a revisão bibliográfica comumente utilizada e a incorporação de conceitos interdisciplinares, pois, como afirmamos constantemente, a ciência não é neutra.

[1] Licenciada em Geografia e Mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar como as desigualdades de gênero, raça e classe, articuladas por meio da interseccionalidade, impactam a produção e a vivência do espaço urbano brasileiro, especialmente nas periferias, com ênfase na experiência de mulheres negras. Busca-se, assim, contribuir para a construção de políticas públicas que promovam justiça social e liberdade para corpos que escapam da lógica patriarcal, racista e classista.

Para isso, utiliza-se uma abordagem qualitativa, de natureza teórico-conceitual, baseada em revisão bibliográfica, com foco em autores e autoras que discutem o urbanismo crítico e o feminismo negro, como Milton Santos, Carla Akotirene e Joice Berth, entre outros que dialogam com uma perspectiva interseccional e crítica da produção do espaço.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de compreender as dinâmicas de exclusão e resistência que atravessam o espaço urbano, especialmente no que tange à vivência de mulheres negras periféricas, é fundamental recorrer a uma fundamentação teórica que articule o conceito de interseccionalidade com os referenciais da geografia crítica.

A interseccionalidade recebeu destaque nas publicações dos últimos anos, no âmbito das ciências sociais, sendo um conceito elaborado no século XX para discussão do feminismo negro de uma forma que abrangesse raça, classe e gênero, a fim de promover a inseparabilidade de análise dessas dinâmicas. Seu objetivo é promover uma compreensão que não separe essas dinâmicas, mas as entenda de forma indissociável.

Precisamos nos atentar e colocar em prática a compreensão de que o sistema de opressão é interligado, agindo com os recortes de forma indissociável, no qual a interseccionalidade se mostra eficiente nesse campo, pois analisa de forma imbricada as opressões estruturais (Akotirene, 2018).

Assim, pensar a interseccionalidade no espaço urbano contribui para dar visibilidade aos grupos marginalizados pela segregação territorial, para além das questões de território e raça, lembrando que urbanização e pobreza são fenômenos profundamente conectados (Santos, 2013). Ainda, na mesma obra, segundo Santos (2013, p. 18), “a pobreza não é apenas uma categoria econômica, mas também uma categoria política acima de tudo. Estamos lidando com um problema social”.

Considerando essas conexões, é imprescindível abordar o território urbano sob o recorte de classe, pois, além de estarem conectados, apresentam ligações com a questão mundial. É igualmente importante pensarmos a questão da raça, pois, no Brasil, a maior parte da população em situação de pobreza ainda é composta por pessoas pretas e pardas (IBGE, 2022). E, como já apontado anteriormente, o recorte de gênero também é essencial, pois, de acordo com o IBGE (2022), mulheres são maioria como chefes de famílias e a maioria das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza.

De toda forma, é importante pontuar que, apesar de Milton Santos definir as mulheres e os negros como os “desiguais institucionais”, o autor não elaborava os dados de forma interseccional.

Ao considerarmos a cidade como uma expressão socioespacial de um pacto sociopolítico excludente, segregador, patriarcal, machista e racista historicamente hegemônico (Berth, 2023), temos a possibilidade de uma leitura crítica mais eficaz da produção do espaço urbano, especialmente nos territórios populares marcados pela fragmentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve análise aqui desenvolvida aponta para uma urgência de se repensar a pesquisa geográfica a partir de uma perspectiva interseccional, reconhecendo que a pobreza — sobretudo a urbana — tem gênero e cor.

O racismo tem sido um dos principais urbanistas brasileiros (Berth, 2023) e, em articulação com o capitalismo — que se alimenta cotidianamente do racismo —, define quem, quando e como os espaços podem ser ocupados. Assim, pessoas negras, em sua quase totalidade, já nascem com seus territórios determinados. Contudo, homens e mulheres vivenciam o urbano de formas distintas.

A proposta não é hierarquizar violências, mas refletir sobre as imbricações das diversas formas de negação e opressão nas cidades, sendo de comum acordo que os homens negros são as maiores vítimas de violência no Brasil (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2022). Mas, diante da estrutura social machista e patriarcal, esses homens também se tornam potenciais agressores de mulheres negras, fazendo com que essas tenham seus corpos considerados estranhos, indesejados, invadidos e limitados (Berth, 2023), tendo sua cidadania mutilada (Santos, 2014).

Tendo em vista a divisão racializada do espaço urbano — que separa centro e periferia e mantém heranças coloniais —, o fato de que as periferias são majoritariamente habitadas por pessoas pobres (IBGE, 2022) e de que as mulheres negras chefiam a maioria dos lares pobres (MUNDO NEGRO, 2025), torna-se urgente a adoção de abordagens interseccionais nos estudos sobre as cidades brasileiras. O objetivo é promover justiça social e liberdade para corpos que fogem da lógica patriarcal, racista e classista.

Assim, o conceito de interseccionalidade torna-se eficaz para pensarmos a construção da cidadania da mulher negra periférica nas reflexões geográficas e, consequentemente, nas políticas públicas.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BERTH, Joice. *Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. *Atlas da violência 2022*. Brasília: Ipea; FBSP, 2022. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/26/atlas-da-violencia-2022. Acesso em: 11 abr. 2025.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão.* São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, Milton. *Pobreza urbana.* São Paulo: Edusp, 2013.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Pobreza cai para 31,6% da população em 2022, diz IBGE. *CNN Brasil*, 2025. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/pobreza-cai-para-316-da-populacao-em-2022-diz-ibge/. Acesso em: 11 abr. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Mulheres são maioria como chefes de família, indica IBGE. *Mundo Negro*, 2025. Disponível em:

https://mundonegro.inf.br/mulheres-sao-maioria-como-chefes-de-familia-indica-ibge/. Acesso em: 11 abr. 2025.

CNN BRASIL. Homens negros são principais vítimas da violência armada, diz estudo. 2025. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/homens-negros-sao-principais-vitimas-da-violencia-armada-diz-estudo/. Acesso em: 11 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF. Mulheres negras são as maiores vítimas em casos de violência. 2023. Disponível em: https://www2.ufjf.br/noticias/2023/11/24/mulheres-negras-sao-as-maiores-vitimas-em-casos-de-violencia/. Acesso em: 11 abr. 2025.